

PT prioriza países do Terceiro Mundo

Raimundo Paccó 22.7.98

214
Segundo o coordenador do programa de governo do Partido dos Trabalhadores, Marco Aurélio Garcia, o tema da política externa é o que apresenta "as menores divergências" entre o PT e o governo de Fernando Henrique Cardoso. Mas basta ele começar a expor as idéias que seriam aplicadas no caso de uma vitória de Lula, para surgirem óbvias diferenças.

O programa de política externa do PT não descuidaria das parcerias com as grandes potências do mundo. Mas daria uma maior importância aos países do Terceiro Mundo. As duas principais frentes seriam na América Latina e no sul do continente africano. Além disso, visualiza uma cooperação mais estreita com China, Índia e Rússia, para "criar um pólo de interferência internacional" para compensar o excessivo poder mundial dos países ricos agrupados no G7 (EUA, Japão, Alemanha, Grã-Bretanha, França, Itália e Canadá).

A divergência que mais salta aos olhos é o pouco entusiasmo em relação à criação da Área de Livre Comércio das Américas, que todos os governos da região, exceto Cuba, preparam para iniciar no ano 2005.

Marco Aurélio Garcia questiona a utilidade de tal projeto para o Brasil. "Não interessa para nada", contesta. "É só a nova versão de um velho mecanismo empregado pelos Estados Unidos quando sentem seus interesses ameaçados na região", como teriam sido a Doutrina Monroe, a política de boa vizinhança de Roosevelt ou a Aliança para o Progresso de Kennedy.

Ele pergunta porque o Brasil não dá preferência a uma negociação multilateral, ao invés de investir esforços na construção da Alca. "Seria menos desbalanceado a favor dos Estados Unidos e as medidas de salvaguarda e de

equilíbrio seriam de outro tipo", defende.

Marco Aurélio Garcia diz que "não faz reparos" à política do Itamaraty em defesa dos interesses brasileiros na formação da Área de Livre Comércio das Américas (Alca). Mas acredita que ela está favorecida pelas dificuldades do presidente Bill Clinton em obter a autorização do Congresso para negociar livremente acordos de comércio.

SOBERANIA

Por isso, o futuro da expansão do Mercosul seria, à princípio, limitado à América do Sul, sem visar uma integração futura com países ao norte da região. "Como será quando ele tiver o fast track (como é chamado esse mecanismo)?"

Com o PT na presidência, o Mercosul seria "reforçado" com uma "política comum de desenvolvimento" e a criação de um parlamento, tribunais e uma moeda comum para o bloco, em moldes semelhantes aos da União Européia. Ainda na América Latina, proporia uma mediação brasileira entre o governo e as guerrilhas na Colômbia.

A África do Sul seria um parceiro estratégico privilegiado na política externa do PT. Na verdade, a expansão do Mercosul aconteceria não rumo ao Norte, à Alca, mas em direção ao sul do continente africano.

Primeiro, porque a África do Sul, além de estar do outro lado do Atlântico e ter um potencial de intercâmbio comercial pouco explorado com o Mercosul, é um país com características e problemas semelhantes aos do Brasil. Entre eles, o "apartheid social", as grandes diferenças entre ricos e pobres.

"Uma aliança com a África do Sul teria um papel importante na democratização do continente



Mandela e a mulher, Graça Machel: seja quem for o próximo presidente, a África do Sul é considerada parceira importante

africano", explica Marco Aurélio Garcia. Países como Angola e Moçambique, exemplifica, seriam menos vulneráveis a crises políticas e militares se estivessem integrados em "um novo contexto" de parceria com o Mercosul.

Outra razão para uma maior proximidade com a África do Sul é a orgulhosa postura de afirmação de in-

dependência que o presidente Nelson Mandela gosta de demonstrar na arena internacional. O país não participa dos boicotes contra Cuba ou Líbia e não aceita pressões norteamericanas para aderir a eles. "É um caso extraordinário de manutenção da soberania", considera Marco Aurélio Garcia, e poderia "inspirar a política externa do Brasil".

Ele admite que a diplomacia presidencial encabeçada pelo presidente Fernando Henrique Cardoso tornou um Brasil um parceiro confiável e assegurou uma imagem de estabilidade. Mas questiona: "Não sabemos para onde vamos, atacados de todos os lados por guerras comerciais com União Européia e Estados Unidos". (MS)